



A Cobertura da Mídia Impressa da Dengue em Mato Grosso do Sul¹

Greicy Mara França²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS

RESUMO

O presente estudo busca mapear e analisar a divulgação de informações sobre dengue nos dois principais jornais impressos do estado de Mato Grosso do Sul, Correio do Estado e O Estado de Mato Grosso do Sul. Para a coleta dos dados são analisados 15 dias do mês de março de 2011, no período de 17 a 31, e 15 dias do mês de abril, no período de 16 a 30, não considerados os domingos em virtude do jornal O Estado de Mato Grosso do Sul não circular neste dia. Constatou-se a ausência de matérias relacionadas à dengue enquanto problema sócio-ambiental, que retratassem a questão de maneira instrutiva em prol da educação para a saúde e prevenção de doenças na mudança de comportamentos.

PALAVRAS-CHAVE: dengue, mídia impressa, comunicação e saúde

Introdução

O objetivo neste trabalho é analisar como a dengue é divulgada na mídia impressa de Mato Grosso do Sul. Mapeou-se então, as reportagens publicadas no período de 17 a 31 de março de 2011 e 16 a 30 de abril nos dois maiores jornais impressos O Correio do Estado e O Estado de Mato Grosso do Sul. Esses jornais circulam diariamente, com exceção de domingo, dia qual o jornal O Estado de Mato Grosso do Sul não circula.

A fundamentação deste estudo se baseou na pesquisa documental e na análise quantitativa.

Comunicação e Saúde

A comunicação está cada vez mais presente no dia-a-dia da população, pois tem se tornado uma ferramenta imprescindível para a divulgação de informações e formação da consciência sobre os temas relacionados à saúde e deve ser vista como um serviço a ser prestado à sociedade.

Essa aliança entra a comunicação e saúde começa a surgir a partir da década de 20.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social (UMESP), Professora Adjunta do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. e-mail: greicymara@hotmail.com..



Se bem a partir da década de 20 percebem-se, no Brasil, as vantagens da propaganda e da educação sanitária - das quais Getúlio Vargas saberia tirar partido - não será senão até a década de 60 que a aliança entre a Comunicação e a Saúde será planejada, executada e avaliada seriamente. Até essa época, o Brasil, política e intelectualmente influenciado pela inteligência norte-americana, era um país basicamente agrário e só a partir da Revolução de 1930 o país recebe estímulos para o crescimento industrial que iria estimular a produção de bens e formar uma 'massa' de consumidores/receptores. Em 1920 o prestigioso sanitário Carlos Chagas criava o Departamento Nacional de Saúde Pública com o intuito de associar técnicas de propaganda à educação sanitária, de acordo com as premissas propostas por Harold Lasswell para o estudo da comunicação.(RODRIGUES TEXEIRA, 1997 apud NATANSOHN, 2004).

A capacidade de mobilização que a comunicação possui, bem como sua possibilidade de humanizar e aproximar a comunicação por meio da realização de interferências pontuais se faz fundamental no combate a dengue.

O objetivo da comunicação no enfrentamento à dengue deve ser estimular o cidadão a mudar seus hábitos e incorporar atitudes em sua rotina que contribuam para a eliminação dos focos de dengue convocando a população para cuidar de sua saúde.

Para diminuir o número de casos de dengue, precisamos unir a vigilância e a comunicação num trabalho de educação e reeducação da população para mudar hábitos e costumes da população,

A Dengue

A dengue é uma preocupação para a sociedade e, em especial, para as autoridades de saúde em função de seu crescente aumento e das dificuldades enfrentadas no controle das epidemias.

Isso tem causado as autoridades da saúde um grande transtorno pela necessidade de ampliação da capacidade dos serviços de saúde para atendimento da população acometida com formas graves.

Os agentes etiológicos da febre amarela e da dengue foram os primeiros microrganismos a serem denominados vírus, em 1902 e 1907, respectivamente, descritos como agentes filtráveis e submicroscópicos. O isolamento do vírus da dengue só ocorreu na década de 1940, por Kimura em 1943 e Hotta em 1944, tendo-se denominado Mochizuki a essa cepa. Sabin e Schlesinger, em 1945, isolaram a cepa Havaí, e o primeiro, nesse mesmo ano, ao identificar outro vírus em Nova Guiné, observou que as cepas tinham



características antigênicas diferentes e passou a considerar que eram sorotipos do mesmo vírus. Às primeiras cepas ele denominou sorotipo 1, e a da Nova Guiné, sorotipo 2. Em 1956, no curso da epidemia de dengue hemorrágico no Sudeste Asiático foram isolados os sorotipos 3 e 4. A partir de então, o complexo dengue passou a ser formado por quatro sorotipos, atualmente designados: DENV-1, DENV-2, DENV-3 e DENV-4, que pertencem à família *Flaviviridae*. (TEIXEIRA, 1999)

É uma doença infecciosa causada por um vírus e transmitida pela picada da fêmea do mosquito o *Aedes aegypti*. Há dois tipos de dengue: a clássica quando contaminada pela primeira vez e a grave quando ocorre uma segunda contaminação existindo o risco maior de se contrair a dengue hemorrágica, que pode levar à morte.

A dengue, até a metade da década de 1990 se concentrava mais na região asiática. Depois deste período os países das Américas Central e do sul se destacaram apresentando mais da metade dos casos notificados da doença no mundo. No ano de 1998 o Brasil registrou mais de 700 mil casos. (TEIXEIRA et al., 2008)

A Dengue surge nas Américas no século XIX e se propaga até as primeiras décadas do século XX. Volta a ser detectada em 1963 com a notificação de quatro países elevando-se para nove países em 1979. Em 1980 cresce vertiginosamente para 25 países tendo sua maior epidemia continental em 2002 atingindo 69 nações americanas, registrando-se no total mais de um milhão de casos de FD. Atualmente, o vírus da dengue pode ser encontrado desde o sul dos Estados Unidos até a Argentina. (WHO, 2008).

Nos primórdios da circulação do vírus da dengue no Brasil, sua epidemiologia se caracterizava pelo acometimento de grupos populacionais de adultos jovens, com o registro de raros casos graves (febre hemorrágica e dengue com complicações) e óbitos. Especialmente a partir do ano de 2002, observa-se uma significativa mudança na epidemiologia da dengue, com o registro de um maior número de casos graves e óbitos. Mais recentemente, um novo cenário foi detectado, com um deslocamento na faixa etária dos acometidos, com pelo menos 25% de indivíduos notificados e hospitalizados apresentando 15 anos de idade ou menos. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011)

A dengue em Mato Grosso do Sul

No Mato Grosso do Sul, o DENV-1 foi isolado em 1987 e os primeiros casos autóctones de dengue clássico foram notificados à Fundação Nacional de Saúde



(FUNASA) em janeiro de 1990, quando o estado registrou 9.757 casos de dengue. O primeiro caso de dengue hemorrágico (DH) ocorreu em 1995 na cidade de Campo Grande, capital do estado, ano em que ocorreu uma grande epidemia causada pelo DENV-1, quando foram confirmados laboratorialmente 2.318 casos. À época deste estudo havia a circulação dos sorotipos 1, 2 no estado. UEHARA et al (2006)

No período de janeiro a abril de 2008, foi notificado na Região Centro-Oeste 20.936 casos de dengue, com uma redução de 71,72% quando comparado ao mesmo período de 2007. Foram confirmados 38 casos de Febre Hemorrágica da Dengue (FHD), com 3 óbitos e 8 casos de dengue com complicação, com 5 óbitos. O Estado de Mato Grosso do Sul notificou 2.520 casos, com maior número em Campo Grande - 854 (33,9%), Coxim - 278 (11%), Corumbá - 226 (9%) e Naviraí 176 (7%). Ministério da Saúde³

A população de Campo Grande vem convivendo com a dengue, desde o ano de 1986 quando foi isolado o vírus, sorotipo DENV 1, e dez anos depois se identificou o sorotipo DENV 2, que foi responsável pela epidemia que ocorreu em 2002, chegando aproximadamente a 13.000 notificações. Em 2005 começou a circulação pelo sorotipo DENV 3, e devido a existência de uma população susceptível e condições favoráveis, veio a deflagrar epidemia em 2007, com início em 2006. Em 2008 os casos de dengue ocorreram dentro do limiar endêmico, onde se notificou 1.776 casos, confirmando 211 casos, representando 12% de positividade. Em setembro de 2009, observamos um aumento significativo, mais precisamente na região urbana da Lagoa do Distrito Sanitário do Oeste, em especial o bairro do Tarumã e seu entorno, que foi responsável pela epidemia de 2010. (SESAU, 2010)

As Epidemias

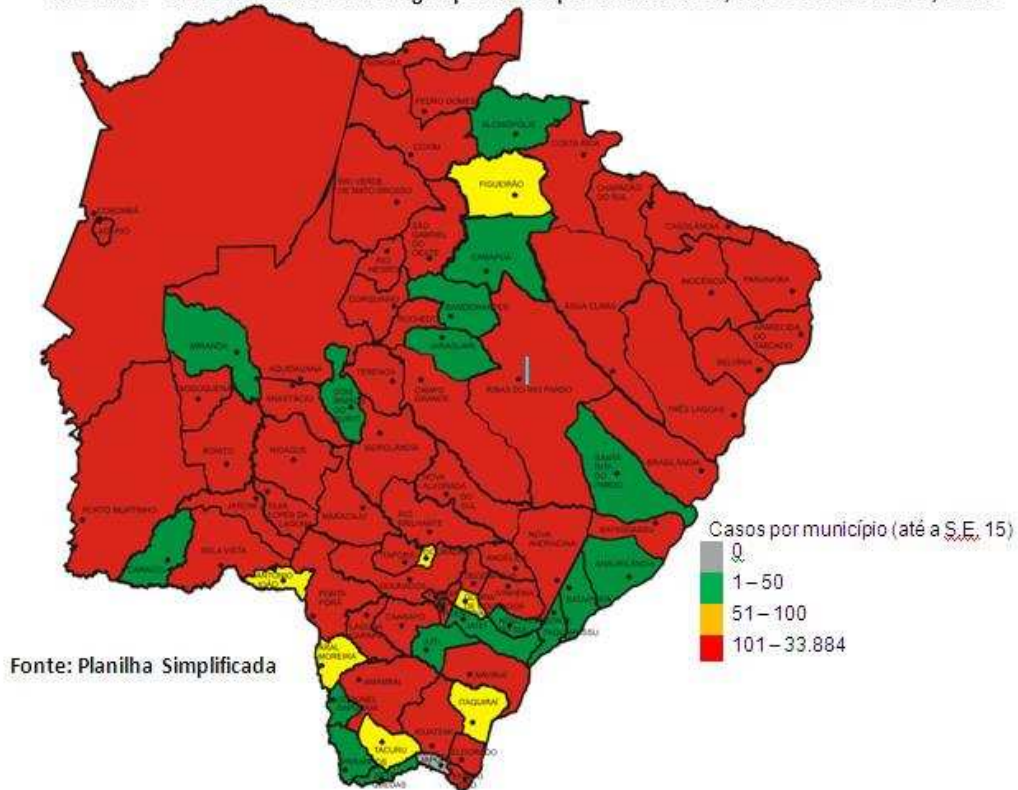
O calor e as chuvas do verão de 2007 foram fatores de contribuição para a pior epidemia de dengue na história de Mato Grosso do Sul. O número de casos de dengue ultrapassou 27 mil sendo que a situação mais crítica foi a da capital Campo Grande, que concentrou 85% dos casos. Levantamento da Secretaria Municipal de Saúde apontou que pelo menos 23,4 mil pessoas foram contaminadas pela doença.

Em 2010 houve um aumento astronômico nos casos. Até o dia 27 de novembro o Município de Campo Grande apresentou 39.958 notificações de casos suspeitos dengue,

³ http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/boletim_dengue_maio2008.pdf.

sendo 109 casos de FHD, das quais 22 evoluíram para óbito. Circulou-se neste ano os sorotipos tipos DENV 1 e DENV 2. A taxa de incidência no município de Campo Grande foi de 5.291,7 casos notificados por 100.000 habitantes e considerado incidência de alto risco. (SESAU, 2010)

FIGURA 1 – Casos notificados de dengue por município de residência, Mato Grosso do Sul, 2010.



Fonte:http://www.infectologia.org.br/media/image/noticias/SES-MS_dengue_26_4_10.jpg&imgrefurl

Até o dia 07 de Maio de 2011 (18ª semana) foram notificados em Campo Grande 4.000 casos suspeitos de dengue. A taxa de incidência no município de Campo Grande em 2010 foi de 5.468,5 casos notificados por 100.000 habitantes incidência de alto risco e a epidemia que era localizada disseminou para toda região urbana de Campo Grande. Em 2011 a incidência está em 529,7 casos notificados por 100.000 habitantes. (SESAU, 2011)

A informação jornalística como educação para a saúde

À medida que os jornais e as reportagens são para muitos, independente do suporte, a única forma de conhecimento de mundo e factualidade, a atividade jornalística da produção de notícias passa a ser reconhecida, também como único



transmissor de conhecimento e fonte de informação para formação de opinião e mudanças ou manutenção de comportamentos.

Se a informação jornalística trabalha instrumentalizada em características e critérios de noticiabilidade que direcionam a matéria sobremaneira espetacular, compondo a valorização do bizarro, do assustador e do emocional, o fato esvazia-se em si e perde-se o caráter educativo-instrucional de composição do conhecimento de mundo que outrora possibilita o exercício da cidadania.

A notícia baseada em *suítes* de denunciismo apesar de chamar atenção, acabam disfarçando matérias sensacionalistas na informação de interesse público.

Considerando o interesse público por informações relevantes para o exercício pleno da cidadania pelas audiências.

Ao abordar informações em saúde, a matéria jornalística deve considerar a importância e o impacto da informação na vida e mudanças nas audiências. A informação em saúde, entendida como elemento formador de hábitos permite minimizar os problemas de saúde, enquanto educa as audiências em estratégias de profilaxia e combate a vetores.

A informação jornalística também atua no registro e monitoramento dos problemas de saúde e ações do poder público no tratamento e solução dos mesmos. A valorização do denunciismo em detrimento da exposição e acompanhamento das ações de governo realizadas para a solução de problemas de saúde permite a formação de vazios informativos no conhecimento e nas formações do entendimento da realidade da população.

No combate a doenças e epidemias, o oferecimento de matérias jornalísticas que instruem principalmente nas ações de diminuição dos vetores viabiliza investimentos em ações coletivas, a formação do senso de coletividade na responsabilização pelo bem estar geral e melhor qualidade de vida.

A dengue na mídia impressa

Foram analisados os dois maiores jornais diários de circulação no estado de Mato Grosso do Sul, “Correio do Estado” e “O Estado”, dos dias 18 a 31 de março de 2011 e 18 a 30 de abril de 2011, quantitativamente e qualitativamente através da análise dos títulos, das fotos, título das fotos e análise de conteúdo das notícias, sendo que pode-se definir análise de conteúdo como a técnica para o tratamento de informações buscando identificar o que se está sendo dito sobre determinado tema, com procedimento aberto

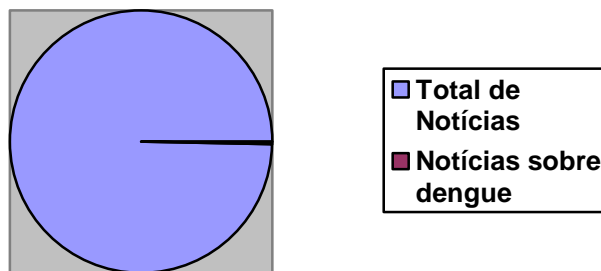
ou exploratório que não fazem intervir categorias pré-definidas onde os resultados são devidos unicamente à metodologia de análise isentando-se de qualquer referência a um quadro teórico pré-estabelecido, a fim de estabelecer numericamente e descritivamente a inserção e o tratamento das informações sobre a dengue em cada veículo.

Após a coleta de dados, as informações foram sistematizadas em gráficos e tabelas de modo a expor os resultados da pesquisa quantitativa e, dar suporte as análises da pesquisa qualitativa.

Após a análise quantitativa, evidenciou-se que do montante de 776 notícias no período de março do jornal 'Correio do Estado', apenas três abordavam a dengue, chegando a um percentual de 0,39% de inserção no período. Já no período de abril, das 810 notícias somente uma era sobre dengue estabelecendo um percentual de 0,13%.

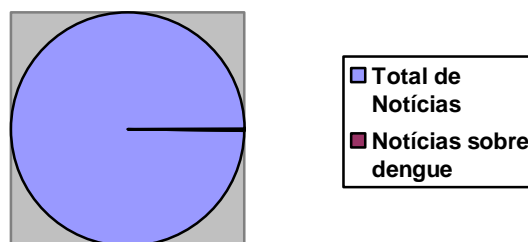
Nos dois períodos constavam no jornal 'Correio do Estado' 1586 notícias sendo que somente quatro tratavam sobre dengue com um percentual de 0,25%.

Gráfico 1. Inserção de notícias sobre dengue no jornal Correio do Estado



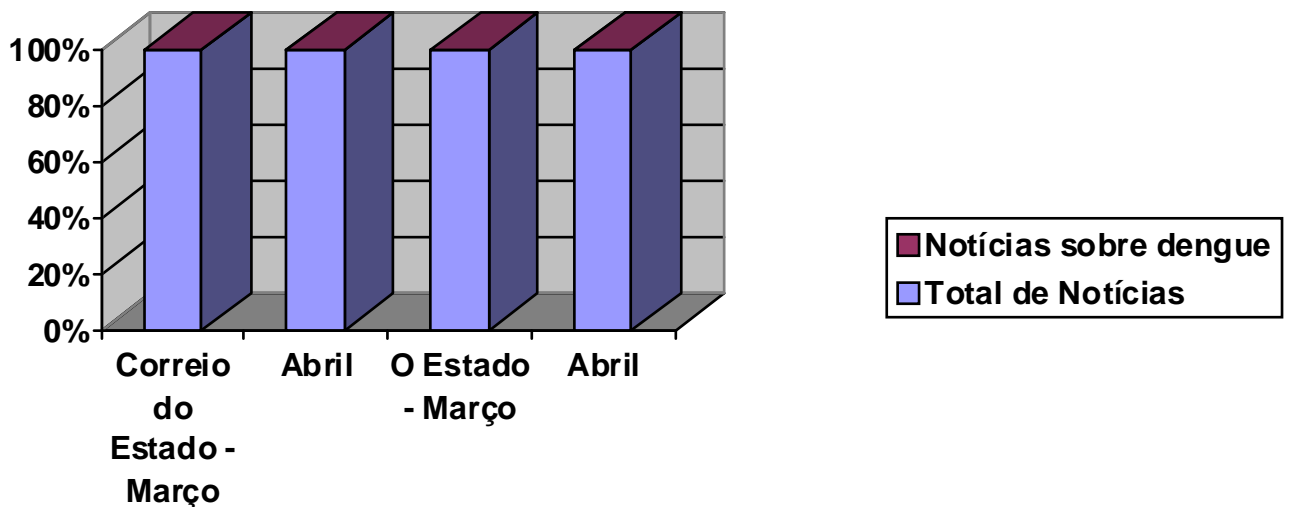
O jornal 'O Estado' apresentou no período de março 914 notícias e no período de abril 854. O percentual de notícias sobre dengue no primeiro período foi de 0,33% e no segundo período 0,12%. Totalizando 1468 notícias para um total de quatro que abordavam a dengue apresentando um percentual de 0,27%.

Gráfico 2. Inserção de notícias sobre dengue no jornal O Estado



Não houve diferença na quantidade de notícias sobre dengue entre os veículos, estatisticamente houve uma diferença ínfima na inserção apesar de haver diferença entre as quantidades de notícias entre os dois jornais. O jornal ‘O estado’ apresentou mais notícias sendo que no período de março a diferença foi de 138 notícias e no período de abril foi de 44.

Gráfico 3. Comparação da inserção de notícias no período



Pode-se verificar no *corpus* analisado, que a imprensa costuma noticiar mais nos momentos em que ocorre o aumento de casos, tendo as epidemias uma atenção especial pelo impacto sobre a sociedade e o risco de morte, que costuma ser valorizado.

Na análise qualitativa consideram-se quatro objetos:

1. título da notícia;
2. foto;
3. título da foto e
4. conteúdo da notícia.

Quanto ao título, a maior parte das matérias encontradas apontava em seus títulos e subtítulos, expressões ou formulação verbais no âmbito da denúncia, principalmente no cabível ao poder público, sem nenhuma relação com o setor privado ou relações sociais e educação da população para a prevenção ou tratamento da doença.



As matérias coletadas nos jornais, quando apresentavam fotografias ou ilustrações, não expunham na imagem informações relacionadas a fatos ou a representação significativa da dengue enquanto problema de saúde pública. A maioria trazia imagens com enunciados e objetivo meramente ilustrativo.

O discurso hegemônico trata da dengue de maneira contextualizada, apesar de evidentemente sensacionalistas, com picos semânticos em palavras como “descaso” e “desrespeito”, constantemente fomentando um caráter passivo ou ausente de responsabilidade da população no problema, lançando sempre julgamento e denunciamento nas ações do poder público.

O conjunto de enunciados da superfície discursiva estabelece relação causa-efeito na dengue como problemática de aspectos sócio-ambientais impondo, no entanto, a personificação das causas da doença sempre no poder e nunca nas práticas diárias da população.

Tal situação justifica-se considerando que estudos na mídia sul-mato-grossense apontam que o tratamento de informações ambientais é sempre distanciando e à parte do cotidiano da população, como se a mesma não integrasse esta relação. Sendo a dengue um problema de saúde sócio-ambiental, entende-se tal fenômeno de distanciamento apesar do apelo sensacionalista abordado (RODRIGUES FILHO; FRANÇA, 2010).

Referências Bibliográficas

BARRETO, M. L.; TEIXEIRA, M. G. **Dengue no Brasil: situação epidemiológica e contribuições para uma agenda de pesquisa.**

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Diretoria Técnica de Gestão. **Dengue: diagnóstico e manejo clínico** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Diretoria Técnica de Gestão. – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Dengue : diagnóstico e manejo clínico : criança** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2011.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Saúde e Defesa Civil. **Relatório de casos de dengue-2008.** Disponível em: <http://www.saude.rj.gov.br/Acoes/Dengue_estado.shtml>. Acesso em: 1º out. 2008.



RODRIGUES FILHO, L.C.; FRANÇA, G.M. **Análise dos discursos dos cadernos de Ecologia do jornal Correio do Estado na formação da consciência ambiental.** In: ANAIS do X Congresso Latinoamericano de Investigación de La Comunicación. ALAIC/Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá, 2010.

TEIXEIRA, M. G.; BARRETO, M. L. **Porque devemos, de novo, erradicar o Aedes aegypti.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v.1, n.1, p.122-35, 1996.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Dengue net.** Disponível em: <<http://www.who.int/globalatlas/DataQuery/default.asp>>. Acesso em: 1º out. 2008.

UEHARA, P. M. et al. **Envolvimento hepático em pacientes com dengue hemorrágico: manifestação rara?** *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* 39(6): 544-547, nov-dez, 2006.

CUNHA, R. V. da. **Dengue: Aspectos Históricos.** PNCD Programa Nacional de Controle de Dengue SVS/MS. Secretaria e Estado de Saúde do RS. Secretarias Municipais de Saúde. Agosto de 2007.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE CAMPO GRANDE -MS. **Informe da Dengue – Campo Grande, 2010:** Informe Técnico nº 1. Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/sesau>. Acessado em: 10 de maio de 2011.

_____. **Informe da Dengue – Campo Grande, 2011:** Informe Técnico nº 18. Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/sesau>. Acessado em: 10 de maio de 2011.

QUINTANILHA, A. C. F.. **Caracterização Clínica e Epidemiológica de casos de Dengue Internados em Hospitais Públicos de campo Grande – MS.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Saúde e desenvolvimento da Região Centro Oeste, Faculdade de medicina.

http://www.cbc.ufms.br/tesesimplificado/tde_arquivos/14/TDE-2010-10-25T083037Z-611/Publico/Analice.pdf

NATANSOHN, G. **Comunicação & Saúde: interfaces e diálogos possíveis.** *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación* www.eptic.com.br, Vol. VI, n. 2, Mayo – Ago. 2004.